

As relações dos primeiros cristãos com os espíritos

(A verdade escamoteada)

Os erros não se tornam verdadeiros por se difundir e multiplicar facilmente. Da mesma forma, a verdade não se torna erro pelo fato de ninguém a ver. (Gandhi)

O filósofo Léon Denis (1846-1927), que se tornou, após a morte de Kardec, num dos principais continuadores do Espiritismo, falando, em nota constante da obra *Cristianismo e Espiritismo*, sobre as relações dos primeiros cristãos com os espíritos, da qual tomamos o título para usá-lo nesse texto, afirmou o seguinte:

Na linguagem filosófica da Grécia, a palavra demônio (*daimon*) era sinônimo de gênio ou de espírito. Tal, por exemplo, o demônio de Sócrates. Fazia-se distinção entre os bons e os maus demônios. Platão dá mesmo a Deus o nome de *demônio onipotente*. O Cristianismo adotou em parte esses termos, mas modificou-lhes o sentido (149). Aos bons demônios deu ele o nome de *anjos*, e os maus se tornaram os demônios, sem adjetivação. A palavra espírito (*pneuma*) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligência privada de corpo carnal.

Essa palavra *pneuma*, traduziu-a S. Jerônimo como *spiritus*, reconhecendo, com os evangelistas, que há bons e maus espíritos. A ideia de divinizar o Espírito não surgiu senão no século II. Foi somente depois da *Vulgata* que a palavra *sanctus* foi constantemente ligada a palavra *spiritus*, não conseguindo essa junção, na maioria dos casos, senão tornar o sentido mais obscuro e mesmo, às vezes, ininteligível. Os tradutores franceses dos livros canônicos foram ainda mais longe a esse respeito e contribuíram para desnaturar o sentido primitivo. Eis aqui um exemplo, entre outros muitos: lê-se em Lucas (cap. XI, texto grego):

10 - "Aquele que pede, recebe; o que procura acha; ao que bate se abrirá." -
13. "Portanto, se bem que sejais maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do céu "um bom espírito" àqueles que lho pedirem."

As traduções francesas trazem o *Espírito Santo*. É um contrassenso. Na *Vulgata*, tradução latina do grego, está escrito *Spiritum bonum*, palavra por palavra, espírito bom. A *Vulgata* não fala absolutamente do Espírito Santo. O primitivo texto grego ainda é mais frisante, e nem doutro modo poderia ser, pois que o espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, não foi imaginado senão no fim do século II.

Convém, todavia, notar que a Bíblia, em certos casos, fala do Espírito Santo, mas sempre no sentido de espírito familiar, de espírito ligado a uma pessoa. Assim, no Antigo Testamento (*Daniel*, XIII, 45) (150) se lê: "o senhor suscitou o espírito santo de um moço chamado Daniel".

Relativamente ao comércio dos primeiros cristãos com os espíritos, as seguintes passagens das Escrituras nos devem chamar particularmente a atenção:

Atos, XXI, 4:

"E disseram eles a Paulo, "sob a influência do espírito", que não subisse para Jerusalém."

Certas traduções francesas rezam *Espírito Santo*.

I Cor. XIV, 30, 31. Trata-se da ordem a estabelecer nas reuniões dos fiéis:

"Desde que um dos que estão sentados (no templo) recebe uma revelação, cale-se o que primeiro falava. Porque todos podeis profetizar, um depois do

outro, a fim de que todos aprendam e sejam todos exortados."

Dessa instrução ressalta que profetizar não era outra coisa senão transmitir um ensino; é ainda a função do médium falante ou de incorporações.

Atos, XXIII, 6-9. Paulo, dirigindo-se a uma assembleia, dizia:

"E por causa da esperança de uma outra vida e da ressurreição dos mortos que me querem condenar..."

Produziu-se um grande ruído, e alguns dos fariseus contestavam, dizendo:

"Nenhum mal encontramos neste homem. Quem sabe se lhe falou algum espírito ou anjo?"

Atos XVI, 16, 17. Paulo fora avisado em sonho de que passasse por Macedônia, com Timóteo:

"Encontram eles uma serva moça que, tendo um espírito de Piton, auferia, em benefício de seus amos, grandes lucros, adivinhando. Ela se pôs a segui-los durante muitos dias, clamando: Esses homens são servos do Altíssimo, que nos anunciam o caminho da salvação."

A expressão "espírito de Piton" designava, na linguagem daquele tempo, um mau espírito. Era empregada pelos judeus ortodoxos, que só admitiam o profetismo oficial, reconhecido pela autoridade sacerdotal, desde que os seus ensinamentos eram conformes com os deles; pelo contrário, condenavam o profetismo popular, praticado sobretudo por mulheres, que dele tiravam partido, como em nossos dias ainda o fazem alguns médiuns mercenários. Essa qualificação, porém, de "espírito de Piton" era muitas vezes arbitraria. Disso vamos encontrar a prova no fato de a vidente ou "pitonisa" de Endor, que serviu de intermediária a Saul para comunicar com o espírito de Samuel, possuir também, segundo a expressão bíblica, um "espírito de Piton". Entretanto, não é possível confundir o espírito do profeta Samuel com espíritos de ordem inferior. A cena descrita pela Bíblia é de uma imponência grandiosa; oferece todos os caracteres de uma elevada manifestação (151).

No caso da jovem serva, citado acima a propósito de Paulo, a admitir-se que os maus espíritos podiam pregar o Evangelho, acompanhando os apóstolos, difícil se tornaria distinguir a fonte das inspirações. Era o que fazia objeto de atenção especial em todas as circunstâncias, nas assembleias dos fiéis. Disso encontramos a afirmação num documento célebre, cuja análise damos a seguir:

A *Didaquê*, pequeno tratado descoberto em 1873, na biblioteca do patriarcado de Jerusalém, em Constantinopla, composto provavelmente no Egito, entre os anos 120 e 160, projeta uma nova luz sobre a organização da igreja cristã no começo do século II, sobre o seu culto e a sua fé. Compreende várias partes: a primeira, essencialmente moral, abrange seis capítulos destinados a instruções dos catecúmenos. O que sobretudo é digno de nota nesse catecismo é a completa ausência de todo elemento dogmático. A segunda parte trata do culto, isto é, do batismo, da prece e da comunhão; a terceira contém uma liturgia e uma disciplina. Recomenda a observância do domingo; *estabelece regras para discernir dos falsos os verdadeiros profetas (leia-se médiuns)*; assinala as condições requeridas para ser bispo ou diácono, e termina com um capítulo sobre as coisas finais e a *Parusia* ou volta do Cristo.

Essa obra apresenta um quadro da Igreja Primitiva, muito diferente do que comumente se imagina (152). Os cristãos desse tempo conheciam perfeitamente as práticas necessárias para se entrar em comunicação com os espíritos, e não perdiam ocasião de a cultivar. [...]

149. Ver, a esse respeito, S. Justino, "Apologética", I, 18, passagem adiante citada em a nota 8.

150. Em certas Bíblias esse capítulo figura à parte, sob o título "História de Susana".

151. Ver I Reis, XXVII, 6 e segs.

152. Tradução francesa de Paul Sabatier, doutor em teologia, Paris, Fischbacher, 1885.

(DENIS, 1987, p. 276-279). (grifo nosso).

Fomos conferir na *Vulgata*, para certificarmos se a informação de Léon Denis é mesmo verdadeira. Eis o que encontramos como teor do passo Lucas 11,13:

"si ergo vos cum sitis mali nostis bona data dare filiis vestris quanto magis Pater vester

de cælo dabit spiritum bonum petentibus se" (1).

Correta, portanto, a informação de Denis, pois, no texto da *Vulgata*, se lê a expressão "spiritum bonum", ou seja, espírito bom (nem precisa saber o latim); porém, não é o que se vê em algumas traduções bíblicas utilizadas pelas religiões cristãs tradicionais:

Bíblias Católicas

espírito bom: Barsa, Paulinas 1957, Paulinas 1977 e Paulinas 1980.

Espírito Santo: Santuário, do Peregrino, Ave-Maria, de Jerusalém, Vozes e Pastoral.

Bíblias Protestantes

espírito bom: *nihil*.

Espírito Santo: Novo Mundo, SBTB, Shedd, Mundo Cristão e SBB.

Felizmente, há tradutores que, literalmente, não apelaram para o "santo"; foram honestos na tradução, pelo que, ainda que postumamente, os felicitamos. O que achamos muito interessante nisso é que, das Bíblias mencionadas, são exatamente os textos das mais antigas que mantêm a expressão correta.

Carlos J. T. Pastorino (1910-1980), filósofo e teólogo, em *Sabedoria do Evangelho*, traduziu da seguinte forma (PASTORINO, 1964, p. 139):

Lucas 11,13: "*Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, dará um espírito bom aos que lho pedirem!*"

Por essa tradução temos a ideia exata do que querem escamotear. Embora, em princípio, possa parecer que a intenção seria a de se fundamentar o dogma da Trindade, ao traduzir "espírito bom" por "Espírito Santo", não foi esse o objetivo; na verdade, o que estão fazendo, capciosamente, é uma tentativa de esconder uma realidade da época, que era a comunicação com os espíritos, o que o passo põe em evidência. Nele, claramente, se vê a questão da manifestação dos espíritos, na afirmativa de que Deus enviará "um espírito bom" aos que Lhe pedirem, pois, Ele, como bom Pai, atenderá ao pedido.

Agora sim, vemos justiça, pois, se só viessem os espíritos maus, denominados genericamente de demônios, como se apregoa por aí, é que seria uma baita injustiça.

Além da *Didaquê*, citada por Léon Denis, que, ao que tudo indica, corrobora isso como prática corriqueira naquela época, ainda podemos citar a obra *O Pastor*, escrita por volta de 142 a 155 E.C., cujo autor Hermas, provavelmente um discípulo de Paulo (Rm 16,14), dá judiciosa orientação para se distinguirem os bons dos maus espíritos:

O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de toda malícia e de todo vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite. Quando, pois, um homem que tem um espírito de Deus vem à assembleia dos fiéis, desde que se fez a prece, o espírito toma lugar nesse homem, que fala na assembleia como Deus o quer.

Reconhece-se, ao contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem força, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É importuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim. (DENIS, 1987a, p. 61). (grifo nosso).

A afirmativa de que "o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite", é exatamente o que se diz na Doutrina Espírita, porquanto os espíritos somente se manifestam porque há permissão de Deus para isso.

Voltando a nossa atenção para o Novo Testamento, veremos que até mesmo Jesus se comunicou com os mortos, conforme poder-se-á ver na narrativa em que Ele conversa com os espíritos Moisés e Elias (Mt 17,3; Lc 9,30), fora a questão de Ele ter se manifestado, depois de morto, primeiramente aos discípulos, em seguida a várias pessoas.

Lucas, como sabemos, é o único evangelista que narra a parábola do rico e Lázaro (Lc

1 Fonte: <http://www.bibliacatolica.com.br/09/49/11.php>, acesso em 08.03.2010, às 11:30hs.

16,19-31), velha conhecida de quase todos nós, na qual vemos que:

1) o fato do rico pedir a Abraão que enviasse Lázaro para avisar a seus irmãos, foi, certamente, pelo motivo disso ser uma crença comum na época, notar que, pela Bíblia, o "morto" leva sua memória para o plano espiritual;

2) Abraão não disse que o envio de Lázaro seria impossível ou algo proibido; apenas ressaltou que não valia a pena fazer isso, pois se as pessoas não davam ouvidos a Moisés e aos profetas, que deixaram suas mensagens enquanto vivos, muito menos dariam a um morto, caso Lázaro lhes fosse enviado.

Aliás, é exatamente isso que anda acontecendo nos dias de hoje: ninguém dá ouvidos aos espíritos que estão vindo nos informar sobre como é o "lado de lá", para evitar uma série de transtornos a nós outros.

Uma das últimas recomendações de Jesus, antes de ser crucificado, foi dizer aos discípulos:

"Quando conduzirem vocês para serem entregues, não se preocupem com aquilo que vocês deverão dizer: digam o que vier na mente de vocês nesse momento, porque não serão vocês que falarão, mas o Espírito Santo". (Mc 13,11).

Como o "Santo" ainda não existia, foi acréscimo posterior; assim, temos então, que a orientação de Jesus se refere à influência de um espírito sobre cada um dos discípulos que, por recebê-la, falava coisas que viria à mente; é, portanto, um fato ligado à mediunidade, portanto, à manifestação de espíritos que, na forma invisível, influenciavam-nos. É registrado, por exemplo, o caso de Pedro e João que todos ficavam admirados ao ver a segurança com que falavam, visto serem pessoas simples e sem instrução (At 4,13).

Esse fenômeno ainda pode ser visto no livro Atos dos Apóstolos, quando o Espírito desceu sobre os discípulos e todos começaram a "falar em línguas estranhas" (At 2,1-5), acontecendo depois com várias outras pessoas (At 10,44-46; 19,6). Pedro, acertadamente, disse que tal coisa era o cumprimento de uma profecia:

"[...] está acontecendo aquilo que o profeta Joel anunciou: 'Nos últimos dias, diz o Senhor, eu derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas. Os filhos e filhas de vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonhos. E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão. (At 2,16-18).

É a explosão da mediunidade que estava acontecendo e que, novamente, vem ocorrendo a partir de meados do século XIX, onde os que vivem no plano espiritual voltam para orientar os que ficaram na retaguarda. O "falar em línguas estranhas" é o que denominamos de xenoglossia, cuja definição é:

Xenoglossia: (do grego: *xeno* = estrangeiro; *glossa* = língua), segundo Charles Richet (Metapsíquica), é o uso de uma língua (escrita ou falada) que não se aprendeu e que não se conhece em condições normais. O médium, influenciado por um espírito, fala uma língua estrangeira que lhe é por inteiro desconhecida". (PALHANO JR., 2004, p. 307).

Há uma outra ocorrência ligada ao fenômeno da manifestação dos espíritos, que está registrada nos Evangelhos, que é a influência de um espírito mau sobre uma pessoa, inclusive, em certos casos, chegou-se a possessão física. Modernamente, são os denominados de obsessões. Os casos de possessos, mencionados, podem ser vistos em Mc 1,21-28, 5,1-16 e 7,24-30, onde Jesus, com sua autoridade moral, libertava-os da influência perniciosa dos espíritos, fato que causava admiração no povo: "*Ele manda até nos espíritos maus e eles obedecem*" (Mc 1,27).

Apesar do alerta de Jesus, parece que ninguém Lhe "dá ouvidos":

"Quando um espírito mau sai de um homem, ele fica vagando em lugares desertos, procurando repouso, e não o encontra. Então ele diz: 'Vou já voltar para a casa de onde saí'. Quando ele chega, encontra a casa vazia, varrida e arrumada. Então ele vai, e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele. Eles entram e moram aí; no fim, esse

homem fica em condição pior do que antes. É o que vai acontecer com esta geração má." (Mt 12,43-45)

Não nos preocupamos em manter a "nossa casa" fechada a tais espíritos; nossas imperfeições morais a deixam com a sua porta completamente escancarada.

É bom registrar que também muitos dos que seguiam a Jesus, conseguiam "expulsar" os espíritos maus (At 5,16; 8,5-8; 19,11-12); certamente, porque possuíam as condições morais para tal empreitada. Sobre isso, há um registro interessante que vale a pena transcrever:

"Alguns exorcistas judeus itinerantes começaram a invocar o nome do Senhor Jesus sobre aqueles que tinham espíritos maus. E diziam: "Eu esconjuro vocês por este Jesus que Paulo está pregando." Os que faziam isso eram os sete filhos de Ceva, um sumo sacerdote judeu. Mas o espírito mau reagiu, dizendo: "Eu conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas quem são vocês?" E o homem que estava possesso do espírito mau pulou sobre eles com tanta violência, que tiveram de fugir daquela casa, sem roupas e cobertos de ferimentos. E toda a população de Éfeso, judeus e gregos, ficou sabendo do fato. O temor se apossou de todos. E a grandeza do nome de Jesus era exaltada". (At 19,13-17).

É o famoso "quem não tem competência, que não se estabeleça". Assim, aos que carecem de condições morais, recomenda-se a não se aventurarem a exorcizar espíritos; veja o que pode acontecer com o exemplo acima.

No início, dissemos que os espíritos maus eram genericamente chamados de demônios; cabe-nos, agora, provar tal assertiva; leiamos:

"Um homem gritou do meio da multidão: 'Mestre, eu te peço, vem ver o meu filho, pois é o meu único filho. Um espírito o ataca e, de repente, solta gritos e o sacode, e o faz espumar. Eu pedi aos teus discípulos que expulsassem o espírito, mas eles não conseguiram.'" Jesus disse: "Ó geração sem fé e perversa! Até quando deverei ficar com vocês, e ter que suportá-los? Traga o menino aqui." Quando o menino estava se aproximando, o demônio o jogou no chão e o sacudiu. Então Jesus ordenou ao espírito mau, e curou o menino. Depois o entregou a seu pai". (Lc 9,38-42).

Vemos aqui, num mesmo texto, que "demônio" e "espírito mau" são a mesma coisa, uma vez que ambas palavras são utilizadas para descrever o mesmo personagem envolvido na história, que figura como o agente perturbador do menino.

O professor universitário Russell Norman Champlin (1933-), fez uma análise bem interessante; leiamos:

Demonismo? Não é de estranhar que muitas igrejas que buscam ambiciosamente os dons espirituais são aquelas que têm dificuldades com a possessão demoníaca? Por que não lhes ocorre que os mesmos espíritos que os levam a falar em línguas, a curar, a profetizar, etc., são os mesmos que os possuem e que, finalmente, mostram sua malignidade moral levando-os a se sentirem psicológica e moralmente agitados, o que algumas vezes os leva à insanidade mental? Assim é que em uma reunião um espírito é expulso de alguém; mas, na próxima reunião, tudo se repete. Tudo isso é atribuído ao Espírito Santo, quando, na realidade, só se manifesta em um "espiritismo" ignorante. Pelo menos os espíritas dizem apenas que entram em contacto com espíritos humanos de pessoas falecidas; e são suficientemente sábios para saber que alguns deles, pelo menos, são malignos. Mas na igreja, em sua infantilidade, não são tomadas essas precauções; e o resultado disso são muitas pessoas que terminam por sofrer de perturbações psíquicas. Tais fatos não podem ser ignorados, sem importar se pensamos que os espíritos "humanos" estão ou não no fundo dessa questão. (CHAMPLIN, 2005b, p. 187) (grifo nosso).

Essa opinião é importante, pois vem de pessoa ligada ao segmento evangélico. E esmiuçando mais a questão dos demônios, Champlin, explica:

Era ponto *teológico comum*, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas

teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de *mortos partidos deste mundo*, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, de *Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da igreja também aceitaram essa ideia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.

Tertuliano (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa ideia, e deu origem à crença de que os demônios fazem exclusivamente parte de uma ordem de anjos decaídos. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a ideia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. [...] (CHAMPLIN, 2005a, p. 695). (grifo nosso).

Percebe-se, então, que o significado foi mudando com o tempo, passou a ser uma outra coisa completamente diferente do significado que tinha anteriormente, que seria o que deveríamos tomar para entender as passagens bíblicas.

E já que mencionamos Paulo, não podemos deixar de dizer que ele, o apóstolo dos gentios, foi quem mais entendeu dessas coisas, a ponto de orientar: *"Sobre os dons do Espírito, irmãos, não quero que vocês fiquem na ignorância"*. (1Cor 12,1). O "dons do Espírito" nada mais é do que o que hoje conhecemos como mediunidade; mas vejamos o que ele diz dela:

"Vocês sabem que, quando eram pagãos, se sentiam irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. Por isso, eu declaro a vocês que ninguém, falando sob a ação do Espírito de Deus, jamais poderá dizer: 'Maldito Jesus!' E ninguém poderá dizer: 'Jesus é o Senhor!' a não ser sob a ação do Espírito Santo. Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer". (1Cor 12,2-11).

Aqui, Paulo fala dos vários tipos de mediunidade; inclusive, a de discernimento dos espíritos, o que prova que eles eram vários, não é, portanto, como alguns querem fazer crer, apenas um só: o Espírito Santo, personagem não existia naquele momento, conforme já dito. Como sabemos que se manifestam espíritos dos mais variados graus evolutivos, é preciso mesmo saber distinguir os bons dos maus, para não embarcarmos numa "canoa furada", seguindo a falsos profetas da erraticidade.

Em Jayme Andrade, que, segundo ele mesmo afirma, foi criado no seio da Igreja evangélica, encontramos uma explicação que vem ajudar-nos no entendimento do texto bíblico atribuído a Paulo:

Quando o apóstolo disse que "um só Espírito opera todas as coisas, repartindo particularmente a cada um como quer" (1ª Cor 12:1), pretendeu certamente referir-se ao Guia Espiritual da reunião, que faculta a cada Espírito comunicante o ensejo de ministrar sua mensagem, tanto que no versículo imediatamente anterior ele fala do "dom de discernir os espíritos" e um pouco adiante afirma: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas" (14:32). Note-se que o apóstolo João também advertiu: "Amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se os espíritos são de Deus". (1ª João 4:1) (ANDRADE, 1997, p. 117) (grifo do original).

Portanto, não se trata de algo no qual somente o Espírito Santo estava agindo em todos, como tentam fazer-nos crer ter acontecido em Lucas (Lc 11,13). Aliás, há um outro passo em que também o sentido foi alterado, conforme nos afirma o Rev. Haraldur Nielsson (1868-1928), professor de Teologia, em *O Espiritismo e a Igreja*, do qual transcrevemos:

E, em outra passagem do mesmo capítulo, diz: "Assim também vós, pois que aspirais dons espirituais (isto é, desenvolver a mediunidade e entrar em relação com os espíritos) seja isto para edificação da Igreja e que os procureis possuir em abundância (I Cor., XIV, 12).

No texto grego está – espíritos e não dons espirituais – como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia. Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver e menor dúvida quanto à verdadeira significação dos termos gregos do texto original: *epei zelotai este pneumatou*. (NIELSSON, 1983, p. 49-50). (grifo nosso).

Mais uma alteração feita, sem a menor cerimônia, visando, evidentemente, esconder a verdade.

Aos que, sem preconceito, analisarem as narrativas bíblicas, provavelmente, chegarão à mesma conclusão que nós, ou seja, que o intercâmbio com os espíritos era fato comum, no início do cristianismo, que, após algumas alterações na Bíblia, foram descaracterizados como tal. Inclusive, diga-se de passagem, o contato com os espíritos não recebeu nenhum sinal de admoestação por parte de Jesus, no sentido de proibi-lo. Quem o proibiu foi Moisés, e, por ironia, quem disse ter sido proibido apresenta-se a Jesus (Mt 17,1-9; Lc 9,28-36); aí vale o questionamento de Kardec: "Finalmente convém saber se a Igreja coloca a lei moisaica acima da evangélica, ou por outra, se é mais judia que cristã" (KARDEC, 2007, p. 172), que estendemos a todos os fiéis das Igrejas tradicionais.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Mar/2010

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada. s/ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
 Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia do Peregrino. 1ª ed. (?) São Paulo: Paulus, 2002.
 Bíblia Sagrada, 9a. ed. São Paulo: Paulinas, 1957.
 Bíblia Sagrada, 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
 Bíblia Sagrada, Edição Popular, 3a. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.
 Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
 Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
 Bíblia Sagrada, Edição Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
 Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
 Bíblia Sagrada, Sociedade Bíblica do Brasil, s/ed. Brasília, DF, 1969.
 Bíblia Sagrada, Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, s/ed. São Paulo: 1994.
 Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.
 Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
 Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. s/ed. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
 ANDRADE, J. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. Salvador: SEDA, 1997.
 CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2005a
 CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2005b.
 DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
 KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
 NIELSSON, H. *O Espiritismo e a Igreja*. S. Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, 1983.
 PALHANO JR, L. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro, 2004.
 PASTORINO, C. A. T. *Sabedoria do Evangelho, vol. II*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.

(publicado na revista *Espiritismo & Ciência*, nº 52. São Paulo: Mythos Editora, 2010, nº 82, out/2010).